



ISSN: 2595-5713

Vol. 3 | N°. 6 | Ano 2020

# EDITORIAL - CADERNOS DE ÁFRICA CONTEMPORÂNEA

---

## COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO

**Alexandre António Timbane**  
**Ercílio Neves Brandão Langa**  
**Alyxandra Gomes Nunes**  
**Bas'Ílele Malomalo**  
**Ivaldo Marciano de F. Lima**  
**Jacimara Vieira dos Santos**  
**Marcos Carvalho Lopes**

### Site/Contato

#### Editores

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

## SEIS NÚMEROS DE CADERNOS DE ÁFRICA CONTEMPORÂNEA: VIDA LONGA AO GRUPO DE PESQUISA ÁFRICA DO SÉCULO XX!!!!

Quando ainda éramos apenas docentes em nossas universidades, africanistas de ofício, historiadores em sua maioria (com a presença de um genial e profícuo filósofo, alguns cientistas sociais e especialistas de outras áreas), iniciamos um diálogo a respeito de questões diversas, a exemplo do método e modo de se compreender os eventos, fenômenos e fatos no continente africano, os limites deste em relação ao Brasil, as fontes para o exercício desta pesquisa, e os mecanismos para difundirmos o conhecimento resultante desta para a sociedade como um todo. Sobre esta última questão, a que os historiadores nomeiam por “história pública”, começamos a engendrar esforços para fazer com que o maior número possível de estudantes e especialistas tivessem acesso aos nossos trabalhos.

Nesta época nos reunimos em torno do programa de pós-graduação lato sensu em Estudos Africanos, que funciona nas dependências do campus II da Universidade do Estado da Bahia, em Alagoinhas. Tínhamos uma revista já em funcionamento, **África(s)**, que estava aos poucos se consolidando como periódico científico. Já nesta época, ilustres colegas da UNEB e UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira) em sua maioria, celebraram esforços para a construção de um Grupo de Pesquisa. E aqui é importante citar os nomes destes ilustres africanistas, a exemplo de Alexandre Timbane, Marcos Carvalho, Pedro Leyva, Bas Ílele Malomalo e Ercilio Langa, todos da UNILAB, e os de Detoubab Ndiaye, Ricardo Moreno, Alyxandra Nunes e Jacimara dos Santos (além de mim, que no momento estou a tecer estas linhas), de vários campi da UNEB... Foram estes e estas, que no já quase distante ano de 2016 iniciaram as tratativas para ampliar os esforços adstritos no então programa de pós-graduação lato sensu em Estudos Africanos e Representações da África acima referido, e se dispuseram a iniciar a construção de algo maior, e que em um primeiro momento resultou na criação do Grupo de Pesquisa África do Século XX, por se tratar de pesquisadores que em sua maioria versavam sobre temas de pesquisa ligados ou ao século XX, ou ao tempo presente do continente africano.

Ao longo da caminhada recebemos os reforços de Eduardo Estevam, da UNILAB, José Francisco, da UFOB (Universidade Federal do Oeste Baiano), Rodrigo Rezende, da UFF (Universidade Federal Fluminense), Denise Barros e Felipe Honorato, da USP, Josenildo de Jesus, da UFMA, Mahfouz Ag Adnane, dentre outros e outras que nos incentivaram não apenas no processo de montagem do grupo acima referido, mas também na construção de meios para difundir conhecimento e ciência. Já vivíamos cercados pelas distorções de todas as ordens,

típicas de uma sociedade que enfrenta os resquícios de um colonialismo que insiste em permanecer sob formas grosseiras, como a de que o continente africano se resume a uma grande floresta ou imenso deserto, e que seus povos ainda vivem destituídos dos aspectos civilizatórios, a exemplo de cidades com grandes edifícios, luz elétrica, ferrovias, pontes, viadutos, automóveis modernos, computadores, hospitais.... A isto some-se também alguns homens e mulheres de boa intenção, mas que reproduzem estereótipos de que a África se reduz a uma grande família de pessoas de um só grupo ou raça... É comum ouvirmos nas salas de aula que “lá na África se come esta comida” ou “que tal religião é originária da África” ... Ora, um imenso continente, dotado de povos falantes de mais de duas mil línguas, dispostas em pelo menos seis troncos linguísticos, e que reúnem infinidade de mitos, práticas e costumes culturais não pode (e não deve!) nunca ser resumido a uma condição de homogeneidade. Não há como compreender um espaço como a África sob o olhar da homogeneidade, e esta é uma das muitas questões que tivemos de enfrentar entre nós em relação ao continente africano. Como representá-lo sem corroborar com as diferenças entre a coisa representada e a sua representação?

Não há entre nós uma linha filosófica ou modo único de compreensão dos fenômenos, assim como não é consenso um sem número de conceitos e repertórios que fazemos uso em nossos trabalhos, sejam sob a forma de livros, artigos ou mesmo vídeos que produzimos ao longo desta trajetória que já caminhamos. Somos diferentes, e talvez seja por isto que tenhamos o êxito de realizarmos tanto! Talvez tenhamos apenas o consenso de que a África represente algo maior e de grande importância para a humanidade e aqui temos unidade ferrenha sobre tal aspecto. Entretanto, esperar grandes consensos entre cientistas das humanidades (e um filósofo, que está sempre nos fazendo pensar mais do que o devido) talvez seja algo difícil. Entretanto, nossa caminhada nos fez ver o quanto necessitamos um do outro, e foi nesse processo que insistimos em consolidar este periódico, intitulado *Cadernos de África Contemporânea*, que agora chega ao seu terceiro ano. Junto com ele temos também o não menos conhecido canal do Youtube, *África do Século XX*, que se constituem em meios para difundirmos conhecimento em tempos de falsários, picaretas e bandidos de toda ordem. Nestes momentos de dificuldades extremas, em que grande parte dos brasileiros estão às voltas com a luta diária e renhida para ganhar seu pão, docentes e pesquisadores reunidos em um grupo de pesquisa assumem a condição de defensores da boa e velha ciência, e por tal posição, merecem os aplausos de todos e todas, mesmo que estes sejam feitos de forma distante, virtual, pois ainda estamos vivendo terríveis momentos de uma pandemia que já ceifou a vida de mais de duzentos e quinze mil brasileiros...

Esta revista, assim como todas as atividades que constituem o Grupo de Pesquisa, não lograriam solução de continuidade se não fossem pessoas ilustres e de grandeza infinita (que talvez tenham o grave defeito de não torcerem pelo Santa Cruz do Recife), que mesmo sem

receber recursos monetários em troca do que fazem, continuam mantendo palestras remotas, revisões de artigos, pesquisas... Posso afirmar sem medo de errar que as Ciências Humanas é defendida por pesquisadores como estes que integram este Grupo de Pesquisa, que com imensa valentia persistem com o trabalho, a despeito das dificuldades diversas e que vão além da escassez de recursos materiais de toda ordem. Este periódico não seria possível sem a participação dos colegas que integram nosso Grupo de Pesquisa, especialmente Alexandre Timbane e Rodrigo Rezende, que doravante exercerão os papéis de editores gerais de *Cadernos de África Contemporânea*. Parafraseando em linguagem futebolística, formarão comigo o trio de atacantes...

Ainda sobre os aspectos alusivos aos modos e formas como compreendemos o continente africano, e que de certa forma foram objeto de discussão no editorial anterior, resalto que as tendências atuais existentes no Brasil produzem estereótipos que não contribuem para a compreensão das práticas, costumes e história dos homens e mulheres nascidos do outro lado do Atlântico. Pelo contrário, dificultam, pois retroalimentam representações pautadas na homogeneidade. Insisto em afirmar que o cientista, qualquer que seja sua área, não pode se confundir com seu objeto de pesquisa, e mais vez chamo a atenção para as diferenças entre aquele que pesquisa, e que tenta compreender e traduzir fenômenos, e aquele que exerce o papel de militante, de ator político. Ambas atividades trazem consigo naturezas distintas, o que não significa que um indivíduo não possa praticar as duas, desde que entenda as diferenças existentes entre estas. Insisto em repetir: a pesquisa (e a ciência propriamente dita), se faz com dúvidas, método e distanciamento do objeto pesquisado, mas esta é uma questão que deixarei ao cargo dos artigos e reflexões que serão feitas doravante e que certamente ocuparão as próximas páginas de **Cadernos de África Contemporânea**.

Para homenagear não apenas os nossos heroicos integrantes deste Grupo de Pesquisa, temos também a grata satisfação de anunciar que elegemos alguns trabalhos aqui dispostos como forma de brindar o leitor e a leitora com o que há de melhor no âmbito da História e das Ciências Humanas em geral. Reunimos aqui excelentes trabalhos, apoiados em sólida documentação e revisão bibliográfica, que poderão ser facilmente identificados pelos que agora estão a compulsar nossas páginas.

O primeiro artigo de nosso número, intitulado “**O Alaúde de Gassire e a redescoberta de Uagadu a partir de Leo Frobenius: uma análise sobre os instrumentos musicais míticos dos soninquê**”, de autoria de Rodrigo Castro Rezende, mostra o quanto a erudição é fundamental para alguém que enverede pelo exercício da pesquisa e do estudo, na tentativa de obter a compreensão das práticas, costumes e história dos povos do continente africano. Conjugando a análise dos mitos, interpretando-os como fonte privilegiada, a partir de um

processo pautado no método, Rodrigo Castro Rezende nos faz ver aspectos imprescindíveis não apenas para a compreensão de parte da história dos soninquê, como também indica os modos como se constroem “verdades científicas” e aqui ressalto a forma como este autor, historiador de ofício, sugere a existência de filiações entre Diop, Ki-Zerbo e Hama com Leo Frobenius, e de como este teria influenciado o pan-africanismo das décadas de 1950 e 1960. Esta influência, consubstanciada na tese de que haveria uma unidade cultural dos povos do continente africano, ainda hoje persiste entre muitos dos que enxergam na África uma entidade homogênea, pautada numa perspectiva essencializada, de que esta seria uma pela dimensão da raça ou algo assemelhado. Rodrigo Rezende, exercendo a condição de historiador apoiado em erudição de primeira grandeza, conjuga Antropologia e Etnomusicologia, como forma de melhor compreender os mitos, e sob o olhar de quem intenta compreender o fazer de homens e mulheres sob as teias do tempo e do espaço, lança luzes para traduzir os modos como os soninquê teceram sua(s) história(s).

O segundo artigo, intitulado “**Beleza grega versus beleza muntu-angolana**”, de autoria de Patrício Batsikama, toma alguns mitos como meio para analisar os discursos de criação do mundo terreno, e em seguida se apoia em trabalhos de filósofos renomados (e festejados) para discutir os conceitos de beleza construído pelos gregos, confrontando-os com aqueles fabricados pelo que o autor nomeia por Muntu-Angola. Patrício toma como apoio o exercício de Kagamé, que de maneira análoga usou o conceito de muntu, e estabeleceu uma ideia de nação em comum para a Angola contemporânea, dotando-a assim de um conceito de beleza. Aqui se percebe o refinamento de um autor que conjuga questões de natureza filosófica em bom termo, como forma de analisar aspectos contemporâneos, sem se apoiar em argumentos essencializados ou apoiados em questões extemporâneas. Com o perdão do termo, mas seu rebuscamento e larga erudição certamente o vacinaram contra os já batidos argumentos que apelam para a existência de extemporaneidades essencializadas, como se a África fosse destituída de condição humana. Assim como Rodrigo Rezende, Patrício faz uma excelente reflexão sobre questões de parte da África (ou de Angola, se o leitor assim preferir) sem necessitar apelar para termos, conceitos ou ideias balizadas pelo essencialismo, e aqui o leitor e a leitora podem observar o modo como poderíamos traduzir os fenômenos, eventos e questões alusivos ao continente africano sem tomar pé em argumentos que retiram o protagonismo ou a historicidade dos homens e mulheres dos diferentes países africanos.

O terceiro artigo, também apoiado em profícua pesquisa documental, intitulado **Antonio Urbano Monteiro de Castro: a imprensa a serviço da dominação colonial portuguesa em Angola oitocentista**, de autoria de Eduardo Antônio Estevam Santos, traz aspectos da trajetória deste jornalista que viveu na Angola da segunda metade do século XIX. Historiador de ofício, e

não menos erudito que os dois autores anteriores, Eduardo apresenta parte das ideias de Antonio Urbano Monteiro de Castro, e analisa o papel da imprensa no período em questão, indicando aspectos do contexto vivido na época, a exemplo do pequeno número de pessoas letradas (e versados na língua portuguesa) e dos interesses que estavam por trás dos que escreviam nas páginas dos diferentes jornais existentes na época em questão. O autor fez uso da análise dos editoriais dos dois principais jornais em que nosso personagem esteve à frente (*Civilização da África-Portuguesa, União Africo-portuguesa*), como forma de compreender as circunstâncias em que estavam inseridos, os modos como seus textos eram compreendidos e algumas das ideias que suas páginas veiculavam. Caso fossemos estabelecer uma analogia da qualidade do artigo de Eduardo Estevam com o futebol, diria que o mesmo se encontra jogando a final da Taça Libertadores, algo que eu espero ver o Santa Cruz disputando em breve.

E seguindo a lista dos clubes da primeira divisão do campeonato brasileiro, (ops!), dos artigos que integram este número, temos o genial trabalho de Tomé Pedro Morais, intitulado “**Os clérigos católicos e a luta de libertação nacional em Moçambique: o caso dos padres de Macúti – Beira**”. Como não deveria deixar de ser, historiador de ofício, Tomé Morais faz uso de extensa documentação, conjugada a uma boa revisão bibliográfica, para mostrar um fato ocorrido durante o processo de luta pela independência de Moçambique, no caso, as denúncias feitas por alguns padres católicos de crimes cometidos pelas autoridades coloniais contra populações que viviam na então colônia portuguesa. O artigo foi tecido, nas palavras do próprio autor, para compreender como se deu o processo da prisão destes padres, e de como este evento foi abordado pela imprensa da época. Apoiado em boa formação intelectual, Tomé Morais faz uso do expediente de entrevistas, além de grande pesquisa documental, para indicar algumas das estratégias utilizadas pelo sistema colonial português. O autor chega a conclusões bem fundamentadas, e certamente o leitor e a leitora irão de imediato compulsar este artigo, como forma de estabelecer um paralelo com as séries existentes nos serviços de streaming, e descobrir o final desta trama narrada por nosso ilustre historiador moçambicano.

Tatiana Raquel Reis da Silva segue a trilha dos bons trabalhos publicados neste número, e nos apresenta o instigante artigo “**A rabidância e o imbricamento entre comércio formal e informal: notas sobre uma tensão persistente**”. Neste trabalho, a autora analisa a relação entre os meios formais e “informais” de atividades econômicas, indicando a grande importância do comércio nas ruas, feiras e mercados para grande número de famílias cabo-verdianas, especialmente de mulheres. Conhecidas como rabidantes, estas mulheres enfrentam situações diversas, e em meio a um sem número de adversidades conseguem gerar emprego e renda para significativo contingente de cabo-verdianos. Nas palavras da autora, a movimentação econômica decorrente desta atividade tem sido classificada como informal, apesar das inúmeras taxações a

que estão submetidas, indicando o paradoxo da cobrança e pagamento dos impostos para os setores formal e informal. Vale a pena conferir o artigo, e mergulhar um pouco mais no país da saudosa Cesária Évora.

Em seguida, sem deixar cair a qualidade dos textos, Afonso Manhice nos presenteia com seu artigo de primeira linha, intitulado “**A representação do negro na literatura colonial em Muende de Rodrigues Júnior**”. Neste artigo, Afonso Manhice discute os modos como o “negro” é representado na literatura, especialmente no romance Muende, de Rodrigues Júnior. Fazendo uso da análise literária, o autor mostra como os personagens são construídos, e em qual contexto se apresenta os modos em que europeus são postos em condições privilegiadas, quando confrontados com os homens e mulheres nascidos no continente africano. Aqui é importante ressaltar os aspectos imbrincados neste artigo, que se traduzem na identidade e cultura da Moçambique contemporânea. O autor sugere as pistas da quão complexa situação se engendra neste país e indica os detalhes deste contexto em seu profícuo artigo. Vale a pena a leitura!

O sétimo artigo deste número, intitulado “**Projeto de Estado binacional: contexto político institucional de unidade e separação da Guiné Bissau e Cabo Verde**”, de autoria de Ricardo Ossagô de Carvalho, analisa o processo de construção do Estado Binacional que uniria estes dois países de profundos laços históricos, suas lutas conjuntas pela independência, e de como o projeto em questão não sofreu solução de continuidade. O autor, apoiado em revisão bibliográfica, mostra parte dos motivos que corroboraram para que o projeto de união fosse desfeito, e de como este contexto levou os dois países a cortarem relações diplomáticas, e a percorrerem regimes autoritários e ditatoriais. Ricardo Ossagô nos faz ver importantes aspectos que estão na urdidura de um processo malogrado, e assim nos faz perguntar em nossas mentes “e se a união não fosse desfeita, como estariam os dois países agora”? O leitor e a leitora certamente irão ter boas questões e inspirações com a leitura deste artigo.

Por último, fechando com chave de ouro este número, temos um artigo escrito a quatro mãos... Peti Mama Gomes e Artemisa Odila Candé Monteiro analisam a Lei da Quota (Lei da Paridade de gêneros) que vigora na Guiné Bissau da contemporaneidade. O artigo intitulado “**Os desafios da lei de paridade na sua dimensão social e política: o caso das mulheres na Guiné-Bissau**” traz algumas questões sobre o contexto dos gêneros neste país, e de como estes reverberam no cenário político atual. Apoiados em análise documental, e em revisão bibliográfica, as autoras nos mostram aspectos em torno da luta das mulheres deste país por melhores condições de vida e suas inserções em lugares até então ocupados exclusivamente por homens. O leitor e a leitora poderão aproveitar a ocasião para celebrar a memória de uma admirável mulher, soberana dos bijagós, que ficou conhecida na história como Okinka Pampa.

Será a combatividade uma marca registrada das mulheres deste país? Os exemplos das autoras não nos deixam mentir...

Enfim, após tantas páginas este editorial extenso, mais uma vez registro as homenagens para os nossos ilustres e valorosos docentes, pesquisadores de primeira linha e dotados de larga expertise em termos de pesquisa sobre temáticas alusivas ao continente africano. Aos colegas unebianos Detoubab Ndiaye, Alyxandra Gomes Nunes, Jacimara Vieira dos Santos, Ricardo Moreno, aos aguerridos unilabianos Alexandre António Timbane, Marcos Carvalho Lopes, Pedro Leyva, Bas´Ilele Malomalo, Eduardo Estevam e Ercílio Neves Brandão Langa, além dos ilustres e geniais Rodrigo Castro Rezende (UFF), Danilo Fonseca (UNICENTRO PR), Felipe Honorato e Denise Barros (USP), Josenildo de Jesus Pereira (UFMA), José Francisco (UFOB) e Mahfouz ag Adnane (Casa das Áfricas), as homenagens mais sinceras deste pesquisador, ardoroso amante do Santa Cruz, que celebra com os leitores e leitoras esta conquista marcante!

Vida longa ao Grupo de Pesquisa África do Século XX!

Vida longa à Cadernos de África Contemporânea!

Vida longa ao leitor e a leitora!!!

Ah, quase que eu esqueço, vida longa para mim e para o Mais Querido do Nordeste, o Santa Cruz FC!!!!

**Ivaldo Marciano de França Lima.**